

INSTITUTO  
Documentação  
MEIO AMBIENTAL  
Fonte: JT (Editorial)  
Data: 29/5/2002 Pg: #3  
Class: 50

## Um erro que pode ser fatal

Vetado o Projeto Juçara pelo Instituto Florestal, o futuro da Mata Atlântica torna-se muito mais precário. Concebido por um grupo de ambientalistas com rara vivência dos problemas das áreas de remanescentes de Mata Atlântica, esse projeto é dos poucos na área de meio ambiente a se basear em conhecimento real dos problemas a serem enfrentados para favorecer a conservação e a propor uma solução cuja base não é mais uma proibição utópica e impossível de fiscalizar, mas sim um incentivo à exploração da floresta baseado no bom direcionamento da natural ganância humana.

O que se propõe é ensinar aos palmiteiros, hoje predadores da planta básica da cadeia alimentar da Mata Atlântica, a explorá-la de uma forma mais lucrativa que a que usam hoje, porém ambientalmente sã. Uma palmeira juçara leva um mínimo de sete anos para ficar adulta, produzir um palmito de algum peso e começar a dar sementes. Depois de anos de exploração indiscriminada (clandestina), as palmeiras que os palmiteiros derrubam hoje rendem, no máximo, duas latas de 400 gramas de palmito. O projeto se propõe a ensinar os palmiteiros a coletar as sementes da juçara para transformá-las num suco semelhante ao do açai. E, como essa bebida natural tornou-se uma das mais pedidas pelos jovens, por causa de seus efeitos energéticos, a comercialização do suco lhes possibilitaria uma renda quase 8 vezes superior à auferida com a venda do palmito extraído do corte das palmeiras, sem implicar a morte da árvore, muito ao contrário.

A expectativa é de que os palmiteiros compreendam logo o seu próprio interesse em passar a preservar as árvores que destruíam, para poder fazer sua colheita duas ou três vezes por ano, ano após ano. Além disso, retirada a polpa das sementes por uma centrifugadora, os restos seriam devolvidos à Mata Atlântica sem perder seu poder de germinação. Em vez da extinção a que estão condenados hoje, os palmitos juçara passariam a ser replantados por quem hoje os destrói.

E tudo isso sem precisar mais que a "fiscalização" do interesse econômico do mesmo coletor que hoje ameaça a juçara de extinção.

Foi por isso tudo que o Projeto Juçara foi aplaudido pelo presidente da Fundação Florestal, Paulo Nogueira Neto, um dos mais respeitados especialistas em ecologia do mundo inteiro, e aprovado, na época de seu anúncio, pelo então secretário do Meio Ambiente Ricardo Trípoli. Mas, com a saída deste, seu substituto



Por um erro evidente, o Instituto Florestal vetou o plano que pode salvar o palmito da Mata Atlântica da extinção

na pasta o vetou, sob o argumento de que as leis federais proibem qualquer outra atividade nos parques ecológicos, a não ser a pesquisa científica. "Não foi feito um projeto de pesquisa", afirmou o diretor do Instituto Florestal, Valdir de Cicco, ao explicar o veto.

Os próprios técnicos da Fundação Florestal, pertencente à Secretaria do Meio Ambiente, reconhecem que o Projeto Juçara poderia ser aplicado sem problemas no entorno dos parques, beneficiando as comunidades ali residentes. E, se há leis estúpidas o suficiente para proibir isso, é o caso de alterá-las.

É provável que haja muito menos do que razões técnicas condenando esse projeto. O secretário e o governador devem ter a sensibilidade de intervir na questão para evitar que a palmeira juçara, fundamental na cadeia alimentar de toda a fauna da Mata Atlântica, pague por esse erro com a extinção.